

## ***INFERNO, DE PATRÍCIA MELO: A (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA PÓS-MODERNIDADE<sup>1</sup>***

*HELL, BY PATRÍCIA MELO: THE (RE)CONSTRUCTION OF IDENTITIES IN THE POSTMODERN ERA*

**Stefania Maria Welfer<sup>2</sup> e Inara de Oliveira Rodrigues<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Desde o início do século passado, percebe-se que as sociedades ocidentais vêm sofrendo intensas mudanças históricas e sociais oriundas, principalmente, do capitalismo e da globalização. A realidade passa a ser a de um mundo efêmero e descentralizado, permeado pela tecnologia, pelo consumismo e pela indústria cultural que parece substituir a antiga política de classes, substancialmente estável, por uma série difusa de políticas de identidade. O sujeito, outrora portador de uma identidade racional e autônoma, passa a ser considerado um ser plural, multifacetado, que assume identidades diferentes em diferentes momentos e em constante mudança. Com tais pressupostos, aqui alicerçados em Hall (2004) e problematizados por Bauman (2001) e Kumar (1997), entre outros teóricos contemporâneos, o objetivo principal, neste trabalho, é apontar como ocorre a representação dessas identidades no livro **Inferno** (2003), de Patrícia Melo, a partir da análise sobre a trajetória do protagonista, José Luis Reis, o Reizinho, concluindo-se sobre as relações entre os processos identitários e de exclusão social.

**Palavras-chave:** história e ficção, sujeito, romance brasileiro contemporâneo.

### ***ABSTRACT***

*Since the beginning of the last century, western world societies have been undergoing heavy historical and social changes emerged mainly from capitalism and globalization. It means an unstable and decentralized world permeated by technology, consumption and the cultural industry which seem to substitute the old*

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA.

*policy of classes for an obscure series of policies of identity. The subject, who had in the past a rational and an autonomous identity, nowadays is considered plural, with many faces, getting different identities depending on moments. Considering the situation given and taking bases on Hall (2004), Bauman (2001) and Kumar (1997), among other contemporaneous authors, the aim of this work is to point out how the representation of these identities in the novel Hell is realized through the analyses of the main character, José Luis Reis, "Reizinho." The article also discusses the relationship among the processes of identity and social exclusion.*

**Keywords:** *history and fiction; subject; contemporaneous Brazilian novel.*

## INTRODUÇÃO

As identidades são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se.  
Zygmunt Bauman

Desde meados do século passado, mudanças sociais profundas vêm modificando a concepção de sujeito. O sujeito, previamente concebido como portador de uma identidade unificada e estável, com o advento da pós-modernidade apresenta-se, então, fragmentado e composto de várias identidades que são, algumas vezes, contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2004, p. 12).

Essas mudanças acabaram por afetar a vida cultural da sociedade e, desse modo, também, os estudos literários, que passaram a se interessar cada vez mais pelo modo de representação da identidade desse sujeito dentro da literatura.

A respeito disso, a questão sobre o que se define como pós-modernidade tem suscitado muitas discussões e poucos consensos entre os teóricos. Alguns defendem que se trata de uma continuidade da Modernidade e, com as consequentes implicações políticas, preferem utilizar o termo Modernidade Tardia. Porém, outros acreditam que essa questão é da ordem da própria pós-modernidade, ou seja, implica uma nova e imprevisível realidade, pois, ao contrário do que se viu nos modelos de sociedade anteriores, "[...] não há, ou pelo menos não há mais, qualquer força controladora e orientadora que dê à sociedade forma e significado" (KUMAR, 1997, p. 113).

Assim, percebe-se que se trata de uma questão complexa e, em meio ao contexto contemporâneo, os diferentes componentes da sociedade (isto é, o aspecto social, político, econômico e cultural), de acordo com Kumar (1997), tornam-se fragmentos de uma condição social contemporânea que já é plural e irreduzível.

A fusão desses componentes sociais pós-modernos parece também atingir e ser atingido pela fusão ou desmantelamento das velhas identidades que compunham a sociedade. Hall (2004) sustenta a tese de que essas identidades estão em um processo constante de declínio. Esse processo faz parte de uma mudança ampla que fragmenta e abala as referências do indivíduo, deixando-o à mercê de uma “crise de identidade” sem precedentes na História.

Corroborando com essa ideia de crise identitária, Bauman (2001) coloca que a identidade do homem encontra-se agora no estágio fluido (líquido) da Modernidade. Considerando que a sociedade pós-moderna apresenta um caráter inerentemente transgressor (BAUMAN, 2001, p. 13), ou seja, que se transforma constantemente e que esse caráter influencia diretamente os indivíduos, tem-se que essas identidades somente passam a existir quando transgridem as antigas identidades sociais, isto é, quando são buscadas, continuamente renovadas, reconfirmadas e testadas na conduta diária (BAUMAN, 2001, p. 41).

Cuche (2002), na medida em que também vê a questão da pós-modernidade e da identidade como polissêmica e fluida, considera que o sujeito não está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. Para ele, consoante ao fato de a identidade resultar de uma construção social, está o próprio caso de ela fazer parte da complexidade do social e ter caráter flutuante, que se presta a diversas interpretações ou manipulações (CUCHE, 2002, p. 192).

Eagleton (1998, p. 7), de linha teórica marxista, também considera a pós-modernidade “um fenômeno sócio-histórico [sic] híbrido e instável”. Segundo ele, esse fenômeno é híbrido porque não há mais a predominância de uma única cultura dominante no mundo, nem mesmo de uma única interpretação das culturas que nos rodeiam, mas sim um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas. E é instável porque essas interpretações acabam gerando um certo ceticismo, uma certa dúvida quanto às questões de identidade de pertencimento, bem como de idiosincrasia, ou seja, do modo como percebemos o mundo.

Pode-se adiantar ainda que, para Bauman (2001, p. 27), a condição pós-moderna do homem é a de um “ser abandonado aos seus próprios recursos”. Kumar (1997, p. 136) reitera essa posição de abandono ao dizer que a “pós-modernidade dissolve o sujeito humano que, em outros tempos, já fora considerado um pensador autônomo e ator no mundo”. Hall (2004, p. 12), por sua vez, além de apontar a fragmentação do sujeito, argumenta que ele sempre esteve deslocado de qualquer posição central considerada “original”. Perceber essa situação resulta em efeitos profundamente desestabilizadores, como, por exemplo, a perda da noção de pertencimento. Cuche (2002, p. 195) acredita que o sujeito é um ser composto de partes

que até existem isoladamente; contudo, elas só adquirem sentido substancial quando estão juntas. A fim de exemplificar o seu pensamento, o autor utiliza-se da metáfora criada por Simon (apud CUCHE, 1979, p. 31) segundo a qual “a identidade funciona como bonecas russas, encaixadas umas nas outras”. Enquanto para Eagleton (1998), o sujeito pós-moderno é aquele que, imerso totalmente na ideologia consumista do capitalismo avançado, vive provisoriamente, desliza de signo para signo, conforme os interesses imediatistas dos quais essa ideologia se nutre.

A partir do aprofundamento de estudos dos enfoques sobre a Pós-modernidade e a questão da identidade, previamente mencionados, neste trabalho, tem o objetivo de apontar como se dá a representação da identidade do sujeito pós-moderno no livro *Inferno*, de Patrícia Melo (2003) conhecida por seus livros dedicados a desvelar a situação dos indivíduos marginalizados socialmente. Para tanto, este trabalho está dividido em duas partes: na primeira, apresentam-se os principais conceitos que fundamentam a análise; na segunda, apresenta-se a análise propriamente dita do livro selecionado, procurando-se, por meio do protagonista José Luís Reis - o Reizinho - investigar como se dá o processo de fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno e, desse modo, contribuir com os estudos literários previamente desenvolvidos sobre sujeito e identidade, na Pós-modernidade.

## **PÓS-MODERNIDADE, MODERNIDADE TARDIA E MODERNIDADE LÍQUIDA: A QUESTÃO TERMINOLÓGICA**

De um modo geral, entende-se que o atual período histórico, conquanto ainda seja influenciado pelas sociedades industriais de outrora e, talvez, em grande parte, devido às mudanças introduzidas por elas, sofreu significáveis transformações, tanto em âmbito social quanto cultural. Uma das mais notáveis consequências dessas transformações é a constatação de que o momento presente não pode mais ser aceito pelos velhos nomes nem mesmo estudado no contexto de antigas teorias.

Calcada sobre as bases da inconsistência ou da fluidez (BAUMAN, 2001), um dos grandes entraves à compreensão da contemporaneidade é a própria questão terminológica. Entre os estudiosos, a falta de um consenso quanto aos diferentes critérios usados para a designação das mudanças histórico-sociais dá margem à pluralidade de denominações, dentre as quais se destacam as de Pós-modernidade, Modernidade Tardia e Modernidade Líquida.

Para Stuart Hall, Krishan Kumar e Terry Eagleton, as sociedades ocidentais vêm sofrendo intensas e surpreendentes mudanças desde o início do século XX. Se antes compreendia-se a sociedade como dotada de *um* passado –

*uma* História que apontava para *um* futuro - agora ela parece viver num presente eterno, sem origem ou destino; se antes a sociedade possuía uma estrutura profunda ou final, agora tudo é (ou não é) o que parece na superfície (KUMAR, 1997, p. 158). Nesse contexto, percebe-se que as sociedades locais estão sendo “atingidas” pela realidade global que, à medida que promove o intercâmbio entre as nações, também acaba por desestruturá-las originalmente. Por causa disso, esses autores compartilham a ideia de que o melhor termo a ser usado para designar essa nova realidade é o de Pós-modernidade.

Para Hall (2004), as sociedades contemporâneas são sociedades de mudança constante e rápida que implicam transformações no tempo e no espaço, desalojando e fragmentando as suas próprias estruturas internas.

Do mesmo modo, Kumar (1997) diz que essas sociedades ingressaram em uma nova realidade que comporta uma revolução econômica, política e cultural à medida que representa uma crise das ideologias políticas e das crenças culturais.

De acordo com Eagleton (1998, p. 8), as sociedades pós-modernas - principalmente as capitalistas avançadas - apresentam uma realidade social oscilante, na qual a lógica do prazer e da pluralidade de uma rede descentrada de desejos, proporcionada pelo mercado, dita as regras.

Para Bauman (2001, p. 36), a sociedade contemporânea não é tão diferente daquela do século passado. Ainda hoje, vigora o desejo avassalador da Modernidade de romper com os tempos passados. Todavia, essa “sede” se traduz em uma realidade que é de ordem da Modernidade Líquida porque não tem forma definida nem definitiva.

Por isso, observa-se que não há um termo único que caracterize as mudanças histórico-sociais contemporâneas, mas sim diferentes termos que tentam elucidar essas mudanças de acordo com o enfoque e o grau de importância concedido por determinado autor. Neste trabalho, priorizou-se o termo Pós-modernidade, utilizado por Hall (2004), e o modo de se conceber a contemporaneidade de acordo com as teorias de Hall (2004) e Bauman (2001). No entanto, as presenças de Cuche (2002), Kumar (1997) e Eagleton (1998) são necessárias uma vez que as considerações desses autores sobre o contexto contemporâneo são válidas no que concerne ao entendimento das mudanças sociais como um todo.

Os aspectos plurais da Pós-modernidade dificultam, até mesmo, a delimitação de seu surgimento. Acredita-se que já ao final do século XX (entre 1960 a 1980), alterações extremamente marcantes e diversas do que se tinha visto, até então, no cerne das sociedades, teriam apontado para esse novo período histórico-social. Segundo Kumar (1997, p. 113), essas alterações dizem respeito

ao processo de “des-diferenciação” que afetou o mundo todo em prol da queda de antigos parâmetros socioculturais em busca do “novo”. Também para Eagleton (1998, p. 7), o surgimento do que se entende, hoje, como Pós-modernidade estaria atrelado a razões de ordem histórica e social. Para ele, a Pós-modernidade, no que tange ao Ocidente, teria surgido como uma consequência do capitalismo que acabou por instaurar “o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia do consumismo e da indústria cultural onde não há uma política de classes, mas uma série difusa de “políticas de identidade”.

Consoante a esse processo, seguindo-se Kumar (1997), destacam-se três fatores que teriam dado origem à Pós-modernidade: o renascimento da Teoria Pós-industrial, o advento da Sociedade de Informação e o Pós-fordismo.

Em fins da década de 1960 e princípios da década de 1970, liderados por Daniel Bell, vários sociólogos formulam a Teoria Pós-industrial (KUMAR, 1997, p. 13). Ao contrário do otimismo que outrora predominara quanto à industrialização em massa, especulava-se o fato de que o modelo de desenvolvimento industrial ainda vigente já não era mais capaz de sustentar o processo irrefreável de crescimento que vinha se delineando de maneira assustadora na sociedade, nem impedir que ele continuasse acontecendo (KUMAR, 1997, p. 14). Diante disso, restavam aos teóricos do pós-industrialismo concluir que o tipo de sociedade habitada pela maioria dos ocidentais no último século e meio não mais existia substancialmente (KUMAR, 1997, p. 14).

Nesse sentido, de acordo com Bauman (2001, p. 10), o “derretimento dos sólidos” acabou por fragilizar toda uma complexa rede de relações sociais, deixando-a desarmada e exposta, à mercê das regras de ação e dos critérios de racionalidade impostos pelos negócios. Esses critérios diziam respeito à privatização da ideia do progresso e restringia antigos empreendimentos coletivos a investimentos individuais. Desse modo, o modelo social que passa a “prescindir” do Estado gera um sistema globalizado que procura atender as necessidades mais especializadas e individualizadas da população. Trata-se da chamada Sociedade de Informação ou do Conhecimento ou, ainda, Nova Economia. Um dos grandes destaques desse processo foi a união entre o computador e as telecomunicações: em âmbito mundial, e sem contato direto com outros, o indivíduo “processa, seleciona e recupera informações que atendam às suas necessidades mais especializadas e individualizadas” (KUMAR, 1997, p. 22). Essa ideia de satisfação dos desejos do sujeito teve ainda mais vigor com o advento do Pós-fordismo.

O Pós-fordismo representou o apogeu do chamado “capitalismo desorganizado” (KUMAR, 1997, p. 60) que, desde a década de 60, caracteriza-

se pelas relações econômicas e sociais desenvolvidas num mercado mundial integrado e permeado pela tecnologia. Nesse mercado, surgiu um novo modelo de produção e de consumo baseado na segmentação ou na terceirização da produção, o da “especialização flexível” (KUMAR, 1997, p. 60), no qual a produção está voltada para setores especializados do mercado. Nesse sentido, segundo Kumar (1997, p. 56), a produção passa a exigir perícia e flexibilidade tanto da máquina quanto da classe trabalhadora; contudo, uma vez que esse grupo produtivo não possui tais exigências, ele acaba dando origem à dissolução do sistema corporativista de relações industriais, ao declínio da política de classe (KUMAR, 1997, p. 60) e a promoção de modos de pensamento e estilos de vida individualistas que levam a um redesenhar de fronteiras entre Estado e sociedade, entre esfera pública e privada, culminando na Pós-modernidade, em uma nova concepção do próprio conceito de sujeito e de identidade.

Com relação a esse último aspecto, entende-se que a identidade é formada *na e pela* junção de fatores externos ou sociais com as aspirações internas do indivíduo. Assim, o sujeito da sociedade contemporânea global é aquele que não possui identidade sólida, mas muitas identidades fluidas que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2004, p. 13). Se antes o sujeito era concebido como uma entidade racional e autônoma que se distinguia das demais pela posição social ou classe que ocupava (KUMAR, 1997, p. 145), nesses novos tempos, ele é concebido como sendo um ser plural, multifacetado, que assume identidades diferentes em diferentes momentos (HALL, 2004, p. 13).

A falta da unicidade do “eu” remete às bonecas russas de Cuche (2002) na medida em que o sujeito passa a ser formado (e transformado) pelo encaixe ou não de suas peças, pelas experiências descontínuas que passam a identificá-lo temporariamente, enquanto novas peças (novas identidades) não surgem para livrá-lo das anteriores. Consoante a Kumar (1997, p. 157), se antes a “biografia do sujeito era a história de uma personalidade em desenvolvimento”, agora ela passa a ser uma questão de experiências e identidades descontínuas; já não há mais um desenvolvimento gradual e constante do sujeito porque este está interminavelmente trocando de papéis e de identidades. Por conseguinte, parodiando Bauman (2001, p. 37), entende-se que o sujeito contemporâneo (Pós-moderno), para ser identificado enquanto tal, precisa estar sempre à frente de si mesmo, num estado constante de “reciclagem” da sua própria identidade, num estado constante de fragmentação.

A partir de tais pressupostos, entende-se que se pode problematizar expressões culturais profundamente ligadas às discussões contemporâneas,

como é o caso da literatura brasileira, especialmente no que concerne ao objetivo neste trabalho: perceber como são representadas as questões identitárias no livro *Inferno*, de Patrícia Melo.

## DE JOSÉ LUÍS REIS A REIZINHO: SUJEITO E IDENTIDADES NA NARRATIVA PÓS-MODERNA BRASILEIRA

Patrícia Melo, romancista, dramaturga e roteirista de cinema, teatro e televisão, é uma das mais conhecidas e respeitadas autoras de literatura policial, com livros lançados em nove países. Por meio desse gênero literário, procura desvelar a situação dos indivíduos marginalizados socialmente, pondo em evidência as mazelas que a sociedade procura ocultar. Em 1999, a *Time Magazine* incluiu-a entre os cinquenta *Latin-American Leaders for the New Millenium*, uma lista seleta de autores do mundo todo que são premiados pela favorável recepção ou alto índice de popularidade de seus trabalhos. No Brasil, em 2001, a autora ganhou o prêmio Jabuti, atualmente, o mais tradicional e importante prêmio literário do país, com seu livro *Inferno* (2003). Esse livro também foi indicado para o *Foreign Fiction Prize* 2003, na Inglaterra.

*Inferno* (2003), em 33 capítulos, retrata a face caótica do mundo pós-moderno ao contar a história de José Luís Reis – Zé Luís, apelidado Reizinho, um menino que começa a trabalhar para o tráfico de drogas aos onze anos de idade e chega a líder de um morro carioca. Da ascensão à queda do personagem, a narrativa desenvolve-se num ritmo rápido e tenso, como se fosse um filme. Em torno da vida de Reizinho, histórias de paixão, amor, família, trabalho, competição, crime e, principalmente, poder, vão se entrelaçando. Essas histórias, que acontecem em sua maioria no microcosmo marginal do morro carioca do Berimbau, concedem a esse sujeito, em diferentes momentos, identidades fluidas, não unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2004, p. 13).

Reizinho é um garoto órfão de pai que vive no cerne de uma família pobre e desestruturada composta por sua mãe, Alzira, e sua irmã, Carolaine. Condicionado à vida na favela e sem a presença do pai, Reizinho cresce em um ambiente hostil, aprendendo a apreciar armamentos e a respeitar o poder dos traficantes, os únicos indivíduos da favela que têm identidades reconhecidas tanto no meio interno (favela) quanto no meio externo (sociedade da tecnologia e do capital).

Contudo, apesar de Reizinho trabalhar para Miltão, traficante-chefe do Morro do Berimbau, repara-se que ele não parece ter o tipo de comportamento condizente ao dos traficantes que aprendeu a respeitar. Ao contrário, parece que Reizinho é mais levado pelos acontecimentos do que intencionalmente desejados por ele.

Deve-se considerar, também, que na favela há a ausência do Estado e, conseqüentemente, a lei do traficante é que impera sobre a vontade dos demais moradores. Por isso, Reizinho respeitava e até se impressionava com o poder de Miltão na favela, pois ele servia como um “exemplo”, uma espécie de paradigma que ditava as regras de como liderar e manipular o povo do morro. Até que Reizinho tome posse da favela, o modo de governar de Miltão e de outros traficantes será de extrema importância para a construção da sua identidade enquanto futuro chefe do tráfico.

A fim de conquistar uma identidade reconhecida no mundo do tráfico, Reizinho se vê frente à necessidade de tomar uma posição capaz de conceder-lhe maior liderança, maior autonomia nesse contexto. Tal posição começa a ser alcançada no momento em que surgem dois personagens cruciais tanto para a ascensão quanto para a queda de Reizinho: Marta e Zequinha Bigode.

Reizinho conheceu Marta num baile de uma boate muito frequentada tanto pelos jovens do Morro do Berimbau quanto pelos jovens do morro vizinho, o Morro dos Marrecos. Ao contrário do que sentira quando conhecera Kelly, Reizinho fora invadido por uma sensação de bem-estar, de euforia, como nunca sentira antes. Acontece que naquela noite, Fake - amigo de Reizinho - fôra preso e, com o tumulto, eles acabaram desencontrando-se. Tempos depois, o destino acabou por colocá-los novamente frente a frente por meio de Zequinha Bigode, pai de Marta e líder do Morro dos Marrecos.

A favela do Morro dos Marrecos ficava próxima à do Morro do Berimbau. As duas favelas tinham pertencido a Nobre, antes de ter sido preso e elas serem divididas entre Miltão e Zequinha. Depois de muito conflito armado entre esses dois traficantes, um acordo foi selado e eles passaram a conviver “em paz”.

Todavia, Zequinha Bigode apaixonara-se por Suzana, namorada de Miltão. Quando Zequinha Bigode passou a presenteá-la e a oferecer-lhe uma vida tranquila sob sua proteção, Suzana começou a sentir-se mais valorizada. Então, resolveu viver com ele no Morro dos Marrecos. Quando Miltão soube, decretou guerra contra Zequinha Bigode. Desde então, o clima de “paz” entre os dois morros foi novamente substituído pelo clima de guerra.

Miltão passou a comportar-se de forma ainda mais violenta no Morro do Berimbau. Isso fez com que o povo do Berimbau acabasse nutrindo sentimentos de aversão ao líder. A gota d’água ocorreu quando Miltão tornou-se o principal suspeito da morte do pastor Walmir, muito bem querido pela população, mas avesso às ideias do líder do tráfico. Diante desse fato, Fake e outros “soldados” de Miltão acabaram por concordar que o traficante não servia mais para ser líder e que,

dentre os homens do bando, Reizinho seria a melhor escolha. Orientado por Fake e Suzana, Reizinho se alia à Zequinha Bigode e, numa noite de sábado, Reizinho e os homens de Zequinha tomam posse do Morro do Berimbau e matam Miltão. Reizinho passa a ter identidade e a ser identificado como o novo líder do tráfico.

Ao contrário de Miltão, Reizinho proibira que seus soldados consumissem a droga produzida e, como forma de conseguir dinheiro para manter o tráfico, montara uma equipe especial encarregada de roubo de carros. Para manter o apoio da população local, com exceção do apoio da própria mãe, uma vez por semana, Reizinho recebia os moradores “reclamantes” no seu escritório, no topo do morro, e resolvia pequenos atritos de forma enérgica: “Os problemas da comunidade eram assim solucionados, sem discussão, [...]” (p. 221).

A despeito da forma enérgica como Reizinho passa a agir perante a comunidade, quando obtém o poder, pode-se dizer que parece muito com a forma de ostentação do poder dos traficantes reais. Segundo Barcellos (2006), “o líder das quadrilhas mantém uma relação mútua de poder, em que ele depende da comunidade e a comunidade depende dele, ou ao menos se beneficia com suas práticas” (BARCELLOS apud CHOINSKI, 2006). Além disso, para demonstrar seu poder e também se proteger de qualquer eventualidade, Reizinho passara a desfilar com cachorros, tanto “os viralatas desprotegidos como os de raça, fortes, ferozes, temíveis” (p. 226).

De acordo com certa tradição mitológica ocidental, os cachorros simbolizam o inferno, a decadência, e é justamente isso que eles vão indicar no final do livro: a decadência do personagem, um caminho sem volta para o inferno do esquecimento, para a perda total da sua identidade de líder.

Uma situação marcante na trajetória do protagonista ilustra o processo de fragmentação da identidade de Reizinho: num domingo, o rapaz foi convidado para almoçar na casa de Zequinha Bigode, depois de já estar sabendo que ele era pai de Marta. Apesar de sentir-se feliz por estar fisicamente perto da mulher amada, sentia-se angustiado por não poder contar a verdade para o pai da moça. Se antes Reizinho ainda tinha esperanças de que Zequinha Bigode, um dia, pudesse lhe aceitar como genro, a partir daquele momento, perdera-as completamente:

Quero que minhas filhas se casem com cidadãos respeitáveis, dissera Zequinha, advogados, engenheiros, dentistas, pediatras. Tem que ter diploma, ele dizia. Aqui no morro, só tem pobre ou traficante. A Priscila fala inglês como americana. Marta é uma fera em contabilidade. Sou trouxa de entregar minhas filhas para essa raça de ignorantes, esses pés-rapados, esses fuleiros de merda? (p. 230).

Com esse discurso, Zequinha Bigode ilustra bem o fato de a identidade ser construída e justificada por meio de processos culturais e sociais complexos. Nesse sentido, ela é “‘uma celebração móvel’ porque denota as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2004, p. 13). Assim, se Reizinho é “identificado” e/ou respeitado por Zequinha Bigode quando este considera a sua posição de traficante no microcosmo da favela, ele não o é quando Zequinha Bigode põe em evidência a identidade do rapaz pela ótica do macrocosmo social: um ignorante, um pé-rapado que não é digno de ser tratado como um “cidadão respeitável” e, por isso mesmo, não é digno de ser seu genro. Assim, pode-se dizer que a identidade é decorrente de um amplo processo histórico, social e cultural que, apesar de móvel ou flutuante, carrega consigo marcas, identidades anteriores que não podem ser, simplesmente, apagadas ou esquecidas, mas sim “encaixadas umas nas outras, como bonecas russas” (SIMON apud CUCHE, 2002, p. 31) e que só têm sentido substancial quando estão juntas.

Apesar de Zequinha Bigode ter deixado bem claro que não aceitaria traficante como genro, Reizinho e Marta continuaram se encontrando às escondidas. Ela, a exemplo do pai, passara a ter grande influência sobre o que Reizinho pensava ou fazia: “Houve uma situação em que José Luís teve uma carga de cocaína roubada por policiais que obtiveram [...] informações do local de entrega. Fora de Marta a ideia de preparar operação-fantasma através do telefone grampeado (p. 261)”.

Ao estar constantemente questionando, mostrando interesse e emitindo opiniões, Marta vai se fazendo presente e suas sugestões vão sendo cada vez mais bem vistas pelo namorado que vai abrindo espaço para ela. Porém, o que de fato impressionou Reizinho e fez com que Marta conquistasse a confiança dele foi o fato dela ter denunciado seu próprio pai. Disse-lhe que o pai era um traidor e que com Fake pretendia matar o rapaz por meio de uma emboscada. Confiando na namorada, Reizinho acaba matando Fake.

Quando Zequinha Bigode denunciou o local do depósito de armas do bando de Reizinho e a polícia instalou-se no Morro, a imprensa também tomou o local, realizando reportagens que mostravam um Reizinho violento e pouco popular. Essa visão que a imprensa passa sobre o traficante corresponde à visão da sociedade do capital, desse “Outro”, bem como do julgamento que esse “Outro” faz e que, a exemplo do “Grande Irmão”, de George Orwell, “está sempre atento em premiar os fiéis e punir os infiéis” (ORWELL apud BAUMAN, 2001, p. 34) representados, respectivamente, pelos indivíduos que participam dessa sociedade e por aqueles que são excluídos dela.

Com a denúncia, a “relação social” entre Reizinho e Zequinha Bigode ficou ainda mais comprometida. Apesar disso, Marta tentou apaziguar a situação. Um dia, a pedido dela, Reizinho concordou em se encontrar com Zequinha para tentar um acordo. Contudo, quando chegou ao lugar marcado, ele percebeu que se tratava de uma armadilha preparada pelo rival. Instaurou-se, então, um confronto armado no qual Leitor, amigo e secretário de confiança de Reizinho, saiu gravemente ferido. Diante dessa emboscada, “[...] um dos dois teria que morrer” (p. 292) e em um domingo, em plena luz do dia, o bando de Reizinho invadiu o Morro dos Marrecos e assassinou Zequinha, que assistia TV em casa.

Por causa desse assassinato, Reizinho passou a receber um tratamento hostil tanto de Marta quanto de Suzana. Com mágoa e raiva, Suzana revelou que durante muito tempo Reizinho foi enganado por Negaço, um soldado considerado de confiança que, ao contrário de Fake, era o verdadeiro informante de Zequinha no Morro do Berimbau. Atordoado por essa revelação, Reizinho voltou para casa e acusou Marta de tê-lo obrigado a matar Fake. Trancado no banheiro, Reizinho telefonou para Cachaça, um de seus soldados, e mandou que “cortassem a cabeça de Negaço” (p. 314). Nesse trecho, percebe-se certa “ingenuidade” e amadorismo de Reizinho enquanto líder. Imbuído numa espécie de deslumbramento ou fascínio pelo poder ostentado, que podem ser justificados pelo fato de o personagem ter uma identidade fragmentada que carrega consigo resquícios de um Reizinho criança e inconsequente, ele não parece ter argúcia suficiente para desconfiar dos personagens que o cercam, nem mesmo para “se proteger” do cerco policial. Aliás, por causa dos mandatos policiais e porque a imprensa vinha abordando a investigação do narcotráfico no Brasil, Reizinho mudou-se sozinho para uma “cobertura de classe-média-alta, de frente para o Berimbau, comprado em nome de Marta” (p. 317), onde era possível monitorar a distância tudo o que acontecia na favela.

No dia do aniversário de Zino, Reizinho voltou ao açougue para comemorar com os demais moradores o aniversário do amigo. Com uma câmera na mão, Reizinho divertia-se registrando o açougueiro que distribuía pedaços de bolo, entrevistando a população e filmando a si mesmo, enquanto comentava os depoimentos colhidos. Nesse momento, Reizinho recebeu a ordem de prisão de três policiais à paisana e tudo foi tão rápido que não houve tempo para qualquer reação.

Devido à prisão, Reizinho foi obrigado a incluir Marta “no esquema” (p. 320). Contudo, antes de aceitar, Marta impôs a condição de plena liberdade para administrar as favelas de acordo com as suas próprias ideias e métodos. Começa, então, a ascensão de Marta e a queda de Reizinho.

Logo nos primeiros tempos em que Reizinho esteve preso, Marta o visitou constantemente na cadeia. Em um desses dias de visita, Marta mostrou a foto em que Suzana aparecia morta. Segundo Marta, para o bem do “esquema”, ela foi obrigada a matar Suzana porque a ex-mulher de seu pai deu todas as informações necessárias para que Denílson chegasse até o bando e aos negócios de Reizinho.

Em contrapartida à euforia demonstrada por Marta, Reizinho mostrou-se inerte. Enquanto a namorada contava o fato, Reizinho, com a foto de Suzana nas mãos, lembrava-se do passado, quando a amiga o defendia da fúria de Alzira. Contudo, o sentimento provocado por essa lembrança pode ser interpretado como um sentimento de vazio, uma sensação de abandono que traz tristeza: “José Luís teve uma sensação ruim, fechou os olhos e sentiu um nada à sua volta, tristeza, negrume” (p. 322). Segundo Bauman (2001), o vazio é característico da Pós-modernidade, mas, ao contrário de outrora, não pode mais ser entendido completamente como infelicidade ou tristeza porque é um sentimento difuso, com seus contornos ou delineamentos apagados e, portanto, sem um molde ou mesmo um nome específico que o torne tangível ou explicável.

Numa manhã, quando Reizinho tomava banho de sol com outros detentos, um carcereiro veio em sua direção e disse-lhe que poderia livrá-lo da cadeia mediante um bom pagamento. Depois de acertarem o valor, Jonas advertiu Reizinho para que não comentasse com pessoa alguma, nem mesmo com Marta, o plano de fuga. Numa manhã de dezembro, dois policiais o retiraram do presídio e o levaram para uma delegacia. Lá, dois homens armados invadiram a sala, desarmaram os policiais e anunciaram o resgate. José Luís saiu da delegacia pela porta da frente, pegou um táxi e sumiu no trânsito.

Enquanto subia as ruelas do morro, vinda de um encontro com um traficante de armas, Marta ouviu os latidos dos cães do namorado e deduziu que ele estava de volta. Naquela noite, Onofre e Leitor prepararam uma festa na quadra de esportes da comunidade para comemorar a volta de Reizinho. Na festa, “todos os moradores chegavam para cumprimentar o líder recém-saído da prisão” (p. 338). Marta, que antes era o centro das atenções, “se sentiu deslocada no meio daquelas pessoas” (p. 339). Em plena festa, Marta sentiu-se feliz de ter aberto uma conta secreta em seu nome e de ter “comprado” novos aliados com os lucros do tráfico. Quase no final da festa, Marta alertou Reizinho de que era melhor que eles fossem embora antes do raiar do dia. Alegando que a favela não era um lugar seguro, ela ofereceu-se para levá-lo até a cobertura, ou a um hotel, onde ele passaria a noite. Ele, porém, disse que não haveria lugar mais seguro do que a favela e que ajudaria Onofre a levar Leitor para casa.

Leitor, desde que levava um tiro, andava de cadeira de rodas e não falava. Para que o amigo pudesse comunicar-se com os demais, Onofre inventou o “alfabeto da piscagem” (p. 344), que consistia em Leitor piscar tantas vezes quanto fosse a posição da letra do alfabeto que queria dizer, até que se formasse uma palavra. Foi por meio desse alfabeto que Leitor avisou Reizinho de que Marta estava o traindo nos negócios.

Embora não houvesse provas reais contra Marta, havia muitas desconfianças sobre ela e os negócios que fazia. Onofre contou a Reizinho que, nos últimos tempos, a moça estava às voltas com Gavião - o homem com quem Reizinho negociou a cobertura que ficava em frente ao Morro do Berimbau - e também que passou a se comportar de forma evasiva ao falar no telefone (p. 346). Então, naquela mesma noite, ao tirar Leitor da cadeira de rodas para colocá-lo na cama, Onofre observou que havia um envelope azul dentro do assento da cadeira. Era uma carta de Dirce, mãe de Suzana, pedindo para que Reizinho fosse falar com ela, urgentemente. Receoso do que Marta poderia estar preparando, Reizinho foi ao encontro de Dirce a qual contou que Marta assassinou Suzana porque a filha “sabia demais” (p. 352), e que fora ela também quem, junto com Denilson, preparara a prisão do garoto.

Aturdido pelos fatos, Reizinho pensou em contratar soldados e armas para invadir o morro e exterminar os traidores. Subitamente, porém, sentiu vontade de abandonar tudo e ir embora com Kelly. Os dois embarcaram num ônibus e fugiram do Rio de Janeiro.

A fuga de Reizinho para Depósito Novo, uma cidade pacata ao norte do estado de Roraima, representa a perda da sua identidade social como traficante e a ruína do personagem: “Compraram um bar perto do rio, mas José Luís não imaginava que fosse tão difícil ter um bar [...]. E, depois, aquela vidinha o matava. Ninguém ali o conhecia [...]” (p. 364).

Ao ligar para casa em busca de notícias, Caroline revela a situação social dos demais personagens: ela era mãe pela terceira vez; Alzira teve que amputar uma perna; Marta foi assassinada numa emboscada organizada por Gavião e Volnei, este último o atual “dono” do Berimbau; e, fato que deixou Reizinho ainda mais triste, Leitor morreu num incêndio provocado, acidentalmente, por uma vela acesa.

Desanimado com as notícias que recebeu, Reizinho voltou ao bar e encontrou Kelly aborrecida. Quando começou a lhe contar as novidades, Kelly “desatou a chorar” (p. 365). Pensando que o choro fosse devido às saudades do Rio de Janeiro, Reizinho tentou consolar a garota dizendo que um dia os dois voltariam para lá. Contudo, Kelly revelou que o motivo do choro era o fato de

ela ter se apaixonado por Anderson, um rapaz que vivia em Salvador, onde era dono de uma lanchonete e cantor de churrascarias (p. 365). Ao contrário do que Kelly imaginava, Reizinho não ficou triste, nem contrariado com a decisão dela. Naquele mesmo dia, quando Kelly e Anderson foram embora, Reizinho fechou o bar e decidiu voltar para o Rio de Janeiro.

Com isso, tem-se o final do livro: esperando um ônibus para o Morro do Berimbau, Reizinho passou por dois policiais, mas nenhum deles o reconheceu. Quando chegou ao morro, Reizinho percebeu que tudo estava muito diferente de outrora. Reizinho não foi reconhecido nem mesmo por Zino. Os únicos que o receberam foram os seus cachorros, Jaboti e Guliver que, magros e esfomeados, subiram lentamente o morro com Reizinho, que andava a esmo e não sabia exatamente o que iria fazer (p. 367).

Há uma analogia que pode ser feita entre o título do livro – *Inferno* - os cães – Jaboti e Guliver - o protagonista – Reizinho - e a mitologia grega (BRANDÃO, 2004): *Inferno* diz respeito ao Hades, o reino subterrâneo dos mortos, onde às almas é permitida a entrada, mas jamais a saída. Era rodeado por rios que só poderiam ser atravessados pelos mortos, que conservavam a forma humana, mas não tinham corpo e, assim, não podiam ser tocados, e vagavam tanto pelo Hades quanto pelo local do sepultamento. No caso do livro *Inferno*, também aos moradores é permitida a entrada no microcosmo da favela, mas não parece haver licença para a saída, devido tanto ao controle de suas vidas sociais pelos traficantes - que protegem a si mesmos e o poder que ostentam usando a própria comunidade como escudo - principalmente, quando precisam se defender da polícia, quanto pela própria concepção de favela, um lugar de exclusão, que envolve os seus moradores num processo recíproco de dependência para que, assim, favela e moradores continuem existindo. Os rios que circundam o Hades podem ser entendidos como as ruelas da favela, atravessadas pelos moradores que, por sua vez, são representantes dos mortos uma vez que, sendo vivos e cidadãos, não têm os seus direitos garantidos e vivem como se estivessem mortos, como se não existissem, haja vista a falta de assistência do Estado. Assim, vagam pela favela e pela sociedade do capital - o “local do sepultamento”. Os cães Jaboti e Guliver representam Cérbero, o cão ou monstro descrito na Mitologia Grega desde os tempos do poeta grego Hesíodo, no fim do século VIII a.C. Segundo Hesíodo, Cérbero possuía muitas cabeças, voz de bronze e cauda ora de dragão, de cobra ou de cão. Cérbero, que aparece entre os deuses da primeira geração, guardava as portas do inferno, impedindo não a entrada, mas a saída dos mortos. Etimologicamente, *Cérbero* significa “a identidade com o sânscrito” ou o “espírito do mal” e representa o terror da morte ao simbolizar

os próprios infernos e o *inferno interior* de cada um. Segundo os neoplatônicos, Cérbero representa o gênio do demônio interior, o espírito do mal, que só pode ser dominado sobre a terra por meio de uma mudança de natureza espiritual. Em Inferno, quando Reizinho retorna à favela, são os cães que o recebem. Então, aqui, os cães, além de aludirem ao folclore de que o cão é “o melhor amigo do dono”, aludem também ao folclore de Cérbero, no sentido de que Reizinho está “condenado ao fogo eterno”, à realidade da favela na qual, derradeiramente, não ocupa mais a posição de liderança, nem mesmo a de um morador qualquer, haja vista que ele não é mais reconhecido nem mesmo naquele meio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma narrativa marcada pela força da linguagem, pelo ritmo acelerado e pelo caráter verossímil como são apresentados os jogos de poder da nossa sociedade, Patrícia Melo, em **Inferno** (2003), retrata a face caótica do mundo capitalista contemporâneo. Nesse mundo, em que as diferenças econômicas, sociais e culturais são tão marcantes e o apelo ao consumismo é fortemente desempenhado pelos meios de comunicação de massa, a violência urbana impõe-se: assalta-se e mata-se para conseguir dinheiro; aprofundam-se os dramas e conflitos relacionados ao tráfico de drogas e, assim, os meninos que moram em favelas admiram traficantes, entram para o crime ainda muito jovens e almejam, um dia, conquistar o poder na favela em que moram.

Procurando-se reconhecer como nessa realidade, criticamente “captada” pela narrativa estudada, pode-se compreender alguns aspectos da questão identitária. Este trabalho teve por base as concepções de importantes teóricos como Stuart Hall, Terry Eagleton e Zigmunt Bauman que, apesar de diferentes pontos de vista, convergem para a compreensão de que a sociedade contemporânea, plural e irreduzível a uma concepção essencialista ou de unidade totalizante das identidades, abala com as referências do sujeito. Isso se deve, principalmente, ao fato de a vida social contemporânea apresentar, em sua face globalizada, um conjunto de culturas e interpretações contingentes, que acabam fazendo com que o sujeito, em meio a todas elas, não se sinta inserido realmente em nenhuma e, desse modo, perde a própria noção de pertencimento. Nesse sentido, o sujeito que era compreendido como portador de *uma* identidade fixa que o identificava ante aos demais, nesses novos tempos, é entendido enquanto um ser plural, que carrega *várias* identidades inconstantes.

No caso do livro analisado, essa situação encontra-se representada na trajetória do protagonista Reizinho: em um primeiro momento, ele é apenas mais um menino pobre que, assim como outros garotos do Morro do Berimbau, admira o poder de Miltão, traficante ao qual está subordinado; mais tarde, ele se alia a outro traficante, Zequinha Bigode, mata Miltão e, assim, passa a ser identificado como líder da referida favela; quando assume o seu romance com Marta, rompe os negócios com Zequinha Bigode e mata-o, tornando-se líder também do Morro dos Marrecos; quando é preso, Marta assume o poder; depois que foge da prisão e, decepcionado com a traição de Marta, vai embora do Rio de Janeiro; e, por fim, no momento que representa a decadência do personagem no mundo do tráfico, ele volta para o Rio de Janeiro em busca da identidade de traficante que perdeu, mas ela já não pode ser mais sua, e ele é reconhecido somente pelos seus cachorros, passando a vagar sem rumo como um desconhecido pela favela que um dia foi sua.

Trata-se, portanto, de uma narrativa que instiga a reflexão crítica sobre os conflitos socioculturais da atualidade, enfocando, a partir do microcosmo de uma favela carioca, dilemas e tragédias cotidianas. Dilemas de sujeitos reais que também se deparam com a questão da fragmentação da identidade, uma vez que precisam exercer diferentes papéis para poderem se adequar às exigências dessa sociedade consumista.

Reconhecendo-se a complexidade e a potencialidade polêmica tanto do campo teórico privilegiado para a análise, quanto do texto literário analisado, tem-se clara noção de que se realizou uma abordagem parcial porque convicta de sua perspectiva crítica. Desse modo, espera-se, sobretudo, que a pesquisa possa contribuir com os estudos que vêm sendo desenvolvidos nesse campo, bem como servir de estímulo para outras investigações sobre a criação literária de Patrícia Melo e sua relevância na Literatura Brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, v. I. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHOINSKI, Rodrigo. **Marcinho VP no ar: o tráfico e a sociedade**. Disponível em: [http: <www.midiaindependente.org>](http://www.midiaindependente.org). Acesso em: 13 dez. 2006.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do Pós-modernismo**: filosofia e questões teóricas. Disponível em: <<http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/157-livro/285-as-ilusões-do-pos-modernismo>>. Acesso em: 14 set. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade Pós-industrial à Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MELO, Patrícia. **Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.